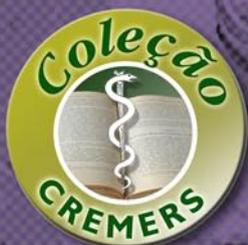




Conselho Regional de Medicina
do Estado do Rio Grande do Sul

MEDICINA HIPOCRÁTICA: ANTES, DURANTE E DEPOIS

CARLOS ANTONIO MASCIA GOTTSCHALL





**Conselho Regional de Medicina
do Estado do Rio Grande do Sul**

**MEDICINA
HIPOCRÁTICA:
ANTES, DURANTE E DEPOIS**

CARLOS ANTONIO MASCIA GOTTSCHALL

Porto Alegre
2007

© 2007, Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul
Direitos Reservados

1ª Edição: 1.000 exemplares

Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul
Av. Princesa Isabel, 921 - Bairro Santana
CEP 90620-001 - Porto Alegre - RS
Fone (51) 3219.7544
Fax (51) 3217.1968
E-mail: cremers@cremers.org.br
Site: www.cremers.org.br

Autor

Carlos Antonio Mascia Gottschall

Professor Titular de Pós-Graduação em Medicina-Cardiologia
Conselheiro Titular do Cremers
Membro Titular da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina
Membro Titular da Academia Nacional de Medicina

Projeto e Produção Gráfica

Editores Stampa

Direção Geral

Eliane Casassola

Capa

Leandro Camiña

Editoração

Ana Paula Almeida

Revisão

Raul Rubenich

Ilustração da Capa

Busto de Hipócrates, o pai da Medicina - Reproduzido de Facer S, McIntosh J.

G687m Gottschall, Carlos Antonio Mascia
Medicina hipocrática : antes, durante e depois / Carlos Antonio Mascia
Gottschall. – Porto Alegre : Stampa, 2007.
64 p. : il. p&b ; 21 cm. – (Coleção Cremers)

I. Medicina – Medicina hipocrática. 2. Medicina – História. I. Título.
II. Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul.

CDU 61(091)

Catálogo na publicação: Júlia Angst Coelho – CRB 10/1712



Fone: (51) 3023.4866
Av. Getúlio Vargas, 774 conj. 402
Site: www.stampadesign.com.br
E-mail: stampa@stampadesign.com.br
90150-002 - Porto Alegre/RS



CREMERS

Gestão 2003/2008

Diretoria

Junho 2005/Janeiro 2007

PRESIDENTE

Luiz Augusto Pereira

VICE-PRESIDENTE

Fernando Weber Matos

1º SECRETÁRIO

Joaquim José Xavier

2º SECRETÁRIO

Flávio José Mombrú Job

TESOUREIRO

Marco Antônio Becker

CORREGEDOR

Martinho Reis Álvares da Silva

Conselheiros

Antônio Celso Koehler Ayub ■ Carlos Antonio Mascia Gottschall

Céo Paranhos de Lima ■ Cláudio Balduino Souto Franzen

Ércio Amaro de Oliveira Filho ■ Fernando Weber Matos

Flávio José Mombrú Job ■ Isaias Levy ■ Ismael Maguilnik

Ivan de Mello Chemale ■ João Pedro Escobar Marques Pereira

Joaquim José Xavier ■ José de Jesus Peixoto Camargo

José Pio Rodrigues Furtado ■ Luiz Augusto Pereira ■ Marco Antônio Becker

Marineide Gonçalves de Melo ■ Martinho Alexandre Reis Álvares da Silva

Newton Monteiro de Barros ■ Regis de Freitas Porto ■ Rogério Wolf de Aguiar

Alberi Nascimento Grando ■ Cláudio André Klein ■ Cléber Ribeiro Álvares da Silva

Douglas Pedroso ■ Enio Rotta ■ Euclides Viríssimo Santos Pires

Fernando Antônio Lucchese ■ Geraldo Druck Sant'Anna ■ Ibrahim El Ammar

Iseu Milman ■ Izaías Ortiz Pinto ■ Jefferson Pedro Piva

José Pedro Lauda ■ Luciano Bauer Gröhs ■ Magno José Spadari

Marco Antônio Oliveira de Azevedo ■ Maria Lúcia da Rocha Oppermann ■ Mário Antônio Fedrizzi

Moacir Asssein Artús ■ Silvio Pereira Coelho ■ Tomaz Barbosa Isolani

Apresentação

Apresentar o livro do Prof. Carlos Antonio Mascia Gottschall *Medicina Hipocrática: antes, durante e depois*, com o selo da Coleção Cremers, é motivo de orgulho. Sei da erudição do autor, do seu profundo comprometimento com a medicina e da sua enorme capacidade de transmitir o conhecimento científico e ético.

Esta obra, escrita por um estudioso da história da medicina, conselheiro atuante e coordenador da Comissão de Educação Médica e Cooperação Científica do Cremers, é uma contribuição inestimável, porque transmite ensinamentos que são fundamentais para o exercício ético da profissão.

Ao Prof. Gottschall, nosso agradecimento por proporcionar à classe médica esta valiosa publicação.

Dr. Luiz Augusto Pereira

Presidente do CREMERS

Sumário

Prefácio.....	7
Introdução.....	9
Origens da Medicina.....	11
Medicinas Pré-Hipocráticas.....	17
O Surgimento de Hipócrates.....	31
<i>Corpus Hippocraticum</i>	39
Ética Médica Hipocrática.....	49
Legado de Hipócrates.....	55
Depois de Hipócrates.....	59
Referências Bibliográficas.....	64

Prefácio

Quem costuma freqüentar congressos e conferências médicas depara a toda hora com palestras sobre exercícios de futurologia que raramente se confirmam, por vezes revelam-se, depois, como disparatados absurdos e freqüentemente se mostram inúteis. Isto, porém, não elimina a necessidade de sonhar com um futuro mais promissor para a medicina que queremos praticar. Entretanto, muitas vezes é o enfoque que está errado pois, paradoxalmente, a visão do futuro se torna mais clara quando conhecemos bem o passado. Sem grandes exercícios imaginativos, um bom conhecimento histórico ajuda-nos a não repetir erros já feitos em circunstâncias similares, a saber separar o importante do apenas supérfluo e a identificar mecanismos necessários para poder concretizar objetivos.

A memória médica regional, nacional e universal é pouco cultuada em nossa terra. Ao visitar universidades em países mais desenvolvidos que o nosso – que apontam com mais propriedade para o futuro e exibem um fluxo impressionante de pesquisas atuais -, sistematicamente encontramos grande número de estudos, trabalhos e teses sobre história da medicina. Esse quadro não decorre apenas do deleite que o tema proporciona mas reflete uma utilidade prática educativa e forma-

dora, tanto mais necessária quanto a legião de jovens (e velhos) atuais que parecem pensar que o mundo começou ontem, que a medicina não tem milênios mas a idade do último artigo lido, o avião, a TV, o computador e a internet sempre existiram para facilitar suas vidas, talvez até para livrá-los de qualquer pensamento histórico ou filosófico mais profundo.

Pensando na importância e na utilidade do tema História da Medicina, a Diretoria do Cremers, especialmente pela pessoa de seu presidente, tem oferecido todas as facilidades para que sua Comissão de Educação Médica e Cooperação Científica, em parceria com a Academia-Sul-Rio-Grandense de Medicina, já pelo quarto ano consecutivo, desenvolvam o curso sobre Tópicos da História da Medicina, todos com significativa busca por parte de médicos, estudantes de medicina e profissionais da saúde. Naturalmente surgiu a idéia de inserir temas desses tópicos na Coleção Cremers, como meio importante de educação médica. Esperamos que este primeiro “*Medicina Hipocrática: Antes, Durante e Depois*” inaugure uma longa série, tão educativa quanto agradável e útil.

Carlos Antonio Mascia Gottschall

1. Introdução

A medicina e a arte de curar são mais antigas que a história, a escrita, a filosofia e a ciência. Manutenção da integridade orgânica é a primeira exigência para a conservação da saúde e da vida. Por isso, a Medicina nasceu do instinto em vez do aprendizado ou da experiência. Desde que o homem é homem, mata o inimigo mas socorre seu irmão ferido. Médico é uma palavra derivada de *meth* que significa maldizer, conjurar, ou de *medicus* que é sinônimo de mediador, feiticeiro. A partir de épocas tão remotas como as Idades da Pedra, do Bronze e do Ferro, no Egito, Mesopotâmia, Índia e outros lugares exerce-se a Medicina, passando pelas fases mítica, técnica e científica, atualmente.

Embora toda a história humana mostre que suas conquistas provêm do lado egoísta e concentrador do homem, a Medicina nasceu revelando a parte solidária de sua índole. O altruísmo (do latim *alter*, outro) - com seu componente de reciprocidade -, precede a ética como atitude social voltada para o coletivo. Conceituada e propagada por filosofias posteriores, como “defesa do homem e da vida”, a Ética tem seu núcleo fundante no desejo de ajudar. Se a filosofia normatizou a ética, a medicina a criou. Medicina é, antes de tudo, terapia (curando, às vezes), alento (aliviando geralmente) e consolo (consolando sempre), tríade que explica o porquê do benefício obtido pelos pacientes desde há milênios, muito antes de a Medicina ser também ciência.

2. Origens da Medicina

Escavações em sítios arqueológicos mostram corpos com sinais de terem recebido atenções médicas, evidenciadas por membros fraturados e consolidados, anormalidades corporais corrigidas, cicatrizes de ferimentos tratados, crânios trepanados, todos submetidos a procedimentos que demandam aprendizado e técnica. Há evidências de que o homem pré-histórico submeteu-se a tratamentos de sintomas com vários tipos de ervas e outras substâncias. Esses vestígios apontam para a existência de indivíduos que praticaram tais ações e certamente foram reconhecidos por sua capacidade de relacionamento, habilidade manual e conhecimento de ervas curativas para combater forças que causavam doenças.

Algumas afirmações podem ser feitas:

1) que a medicina nasceu com a humanidade e que quando surgiu com o primeiro cavernícola que socorreu seu semelhante ferido ou doente, já surgiu como um ato altruístico;

2) que todos os possuidores do conhecimento de curar, os médicos e os cirurgiões, sempre foram as pessoas mais indicadas para serem consultados pelos que se sentissem doentes, pois cedo o homem percebeu que a automedicação pode não ser suficiente e que palpite de leigos muitas vezes só piora as coisas;

3) que nasceu aí a primeira diferenciação profissional;

4) que a medicina atual expressa a evolução de um conhecimento acumulado por milênios.

A história mostra que a marcha de atitudes e habilidades médicas sempre esteve inserida dentro da cultura dominante. Pensamento pré-lógico, domínio da cultura por feiticeiros e prática da magia compõem a tríade definidora de uma sociedade primitiva. Assim é que, com pequenas nuances locais, todas as medicinas primitivas regeram-se pelo sobrenatural e pelo fantástico, mas a atitude mental pouco mudava de um lugar para outro quando as culturas mantinham-se num patamar próximo, embora o nome dos deuses que castigavam ou protegiam variasse, e as lendas contassem histórias um pouco diferentes. Ciência e religião misturavam-se, e sacrifícios serviam para transferir poderes. Nessa época de domínio mítico, não havendo percepção da relação entre causa e efeito para explicar fenômenos (pré-lógica), todo sofrimento, cura ou erro era atribuído à vontade de deuses e, por isso, o médico - sempre um feiticeiro ou sacerdote, um intermediário entre homens e deuses - não respondia a responsabilidades nem sofria sanções, já que executava a vontade de espíritos que governavam atos vitais.

O feiticeiro transferia poderes, conversava com as pessoas e observava desfechos. Foi, por assim dizer, a célula-tronco que ao longo do tempo progressivamente se diferenciou respectivamente nos sacerdotes, ligados ao dogma, nos filósofos, ligados à racionalidade, e nos cientistas, ligados ao fatural. O primeiro médico visto como tal era o feiticeiro da tribo (é assim até hoje em comunidades pré-históricas que sobrevivem). Sendo o mundo mágico um mundo interdependente de forças personalizadas, todo benefício ou prejuízo era atribuído à ação de deuses ou de espíritos invisíveis que comandavam a natureza perceptível. É ou mito ou o imaginário sem base demonstrável (*Figura 1*).



Figura 1- Nossa primeira representação. Acredita-se ser a mais antiga imagem de um médico (feiticeiro) em ação, paramentado para afugentar os maus espíritos, há mais de vinte mil anos (Gruta Les Trois Frères, França, reproduzido de Hagard H.).

Nesse cenário, as primeiras teorias sobre doenças (o que chamamos de etiologia) ou as viam como causas evidentes - a partir de uma injúria externa ou ferimento -, ou surgiam de idéias mágicas, quando a causa de qualquer anormalidade percebida como dor, febre, fraqueza, edema, icterícia, dispnéia, hemoptise, delírio, coma ou outra manifestação de doença não era evidente. Assim, a explicação do sofrimento provinha de pressuposição de culpa do infeliz, atribuída à transgressão de uma lei moral ou rompimento de um tabu, o que originava castigos pelos deuses, que poderiam ser: desvios ou perda da alma, feitiço maléfico, possessão por demônios ou espíritos malignos, ou objetos misteriosamente introduzidos no corpo. Neste caso já surge a noção de doença associada a uma alteração material. Pressupor tais relações representa um ato de racionalidade, e os métodos para ajudar o enfermo (o que chamamos de terapêutica) constituíam uma percepção pré-lógica de causa e efeito. A conseqüente terapêutica que se seguia visava uma correção de sintomas (geralmente com ervas curativas - início do que chamamos clínica), fechamento de um corte, retirada de uma flecha ou de um espírito maligno (uso de folhas cicatrizantes, pontos com mandíbula de formigas, trepanação do cérebro - início do que chamamos cirurgia) ou expulsão de um mau espírito do corpo (exorcismo para afastar espíritos maléficos ou ritual para agradar e obter favores dos deuses – início do que chamamos psiquiatria, só que agora pelo uso da razão).

Não há medicina sem terapêutica, cujas etapas básicas sempre acompanharam o entendimento sobre as doenças. Nesse sentido, a terapêutica nunca deixou de ser a caudatária pragmática do que é entendido por etiologia, sendo que a cada fase da medicina corresponde um tipo básico de terapêutica: espontânea (instintiva), empírica (constatação), mágica (aprendizado pré-lógico), técnica (regrismo empírico) e científica (causa e efeito).

Exemplo de terapêutica espontânea é a instintiva, a mãe que protege o filho do frio, um amigo que retira a faca cravada nas costas do outro, alguém que comprime um vaso sangrando; estes tipos de socorro partem diretamente do instinto de conservação, tendo nascido com a espécie humana. Já a terapêutica empírica decorre da constatação de uma experiência positiva, como o uso da melhor folha para aliviar a dor ou o melhor cicatrizante para determinada ferida. É aprendida por recepção de informação, sem questionamento. O método mágico de tratamento, também pré-lógico, já é protociência porque - mesmo que deuses ou espíritos entrem na explicação dos resultados - causa e efeito surgem com repetitiva frequência, o método sendo executado pelo feiticeiro especializado que conhece a manipulação das etapas. Representa uma fase mais avançada que o simples empirismo porque engloba a observação empírica, necessita aprendizado e seus elementos de sugestão podem remover medos, tensões ou maus sentimentos, além do possível efeito positivo da substância oferecida ao paciente.

Depois, as fases técnicas (regrismo empírico) e científica (causa e efeito) da medicina inauguram uma ruptura em direção ao atual, pois dispensam o mítico e introduzem a racionalidade nessa atividade. A razão na medicina será o maior legado hipocrático.

3. Medicinas pré-Hipocráticas

Mesmo depois da pré-história, em sociedades organizadas e conhecedoras da escrita - apesar de alguns progressos baseados numa crescente racionalidade -, a medicina continuou com sua base mítica. Embora as origens da tradição médica ocidental sejam colocadas na Grécia, os gregos não foram o único povo do Mediterrâneo que inventou a medicina. A antiga Mesopotâmia e o Egito tinham tradições e textos médicos anteriores à Grécia, sem falar na Índia, Pérsia, China e outros povos orientais que também clamam por primazia. A abundância de novas descobertas a partir de escavações, bem como a reinterpretação de fragmentos de textos antigos escritos em argila reconstituem em parte as medicinas correspondentes. A seguir comentaremos alguns aspectos de medicinas que mais interessam para esta história.

Medicina na Babilônia

Exímios observadores, os babilônios identificaram sintomas de doenças, deixando claras descrições de epilepsia, escorbuto e bronquite. Quase 2.000 anos a.C. sabiam que algumas doenças da pele eram contagiosas e que contato direto ou indireto com os portadores podia ser perigoso. Um texto de 650 a.C. descreve bem sintomas de epilepsia e aponta a

maior gravidade de convulsões ocorrendo no sono ou recorrendo durante um ataque: “Se durante o ataque, enquanto a pessoa está sentada, seu olho esquerdo move para o lado, o lábio entorta, a saliva flui da boca e sua mão, perna e tronco no lado esquerdo vibram como um carneiro morrendo, é *migtu*. Se no mesmo tempo do ataque sua mente permanece alerta, o demônio pode ser expulso mas se nesse tempo sua mente não está esperta o demônio permanece”. A tendência à previsão ajusta-se à tradição astronômica na Babilônia que era capaz de prever eclipses, e levou à criação de horóscopos através do exame de fígados de animais. O mais típico, porém, é a atribuição de doenças à mão de um deus ou espírito, freqüentemente acompanhada de um prognóstico de morte.

Encontravam-se dois tipos de médicos muito mencionados nos textos babilônicos, um trabalhando com drogas, poções, bandagens e assemelhados e outro como exorcista usando encantamentos e rituais de cura. Se esses grupos entravam em conflito ou eram complementares ou se os dois tipos de ação podiam ser exercidos pela mesma pessoa é controverso mas ambos eram reconhecidos oficialmente. Foi usado com algum sucesso por centenas de anos grande número de drogas, interna e externamente. Uma medicina essencialmente teocrática curava ou matava com a lei, a palavra, a santidade, as ervas e a faca. Assim, eram praticados procedimentos cirúrgicos menores, havendo registro de tentativas de cesariana. Entretanto, não vislumbraram a noção de doença, associando as anormalidades observadas a um único membro ou órgão (*Figura 2*).

Regras para a boa prática médica não somente serviam para enfatizar as contribuições positivas de um curandeiro como o distinguiam de enganosas ou ultrapassadas práticas de outro. Aí ocorrem, no código de Hamurabi, que reinou de 1792 a 1750/1743 a.C., os primeiros registros históricos não tanto de deveres e obrigações dos médicos e mais de punições por seus erros. Os médicos tinham liberdade para lutar pela saúde



Figura 2 - Na Babilônia surgiu o primeiro código para obrigações e sanções sobre a atividade médica, o código de Hamurabi. A medicina era exercida pela santidade, a palavra, a lei, as ervas e a faca (Reproduzido de Bender G, Thom R.)

dos pacientes por todos os meios, o que não acontecia com os cirurgiões, considerados inferiores aos médicos.

Esse código especifica o pagamento a ser feito ao profissional numa escala ascendente por uma operação, dependendo do status do paciente (ou animal), bem como penas draconianas por erro ou falha semelhante àquelas impostas a um arquiteto ou a um carpinteiro faltosos, podendo punir um erro médico com a amputação das mãos do incompetente, se a vítima fosse um senhor, ou substituição por outro, se fosse um escravo. Outras disposições com intenções similares mostravam que já naquela época o processo ético-profissional era assustador. Entretanto, um bom

profissional tinha à sua frente o caminho da fortuna. Isto está longe da situação descrita para a Babilônia no 5º século a.C. pelo historiador Heródoto, como sendo uma terra sem médicos, na qual os doentes eram expostos na praça do mercado e seus casos diagnosticados e tratados por passantes que tinham tido ou sabiam de outros com os mesmos sintomas ou condição similar. Heródoto pode simplesmente ter entendido mal o costume de uma terra estranha em que doentes eram colocados fora de casa por amigos ou vizinhos para falar e receber conselhos.

Medicina no Egito

Heródoto parece mais bem informado sobre a medicina no Egito. Refere lá uma multitude de especialistas, um para cada doença e informa que o país inteiro está cheio de doutores, da cabeça, dos dentes, do ventre, e das mais obscuras doenças. O rei da Pérsia tinha médicos egípcios na corte e por volta de 500 a.C. mandou um médico egípcio, Udjohorresne, de volta para o Egito a fim de restaurar a “casa da vida” (uma espécie de hospital) porque “ele conhecia as virtudes da arte”. Cerca de 750 anos antes, o rei dos hititas pediu a Ramses II do Egito um médico e um sacerdote-encantador para atender sua irmã. Médicos egípcios aparecem em outros antigos documentos diplomáticos.

Imothes que, há milênios, personificava o deus da ciência, da sabedoria e da medicina era um misto de escriba, sábio, matemático, mágico, arquiteto, astrônomo, médico. Conforme seus mandamentos - revelando certa organização -, o médico devia tratar segundo livros sagrados de consensos; se não o fizesse, e o doente morresse, poderia ser condenado por homicídio culposo. O papiro de Ebers, 1500 a.C., versa sobre doenças típicas da região, encantamento e magia, circulação, parto, prognósticos, luxação da mandíbula, enquanto o papiro de Smith versa sobre técnicas cirúrgicas, existindo gravuras de médicos egípcios praticando circuncisão (*Figura 3*).

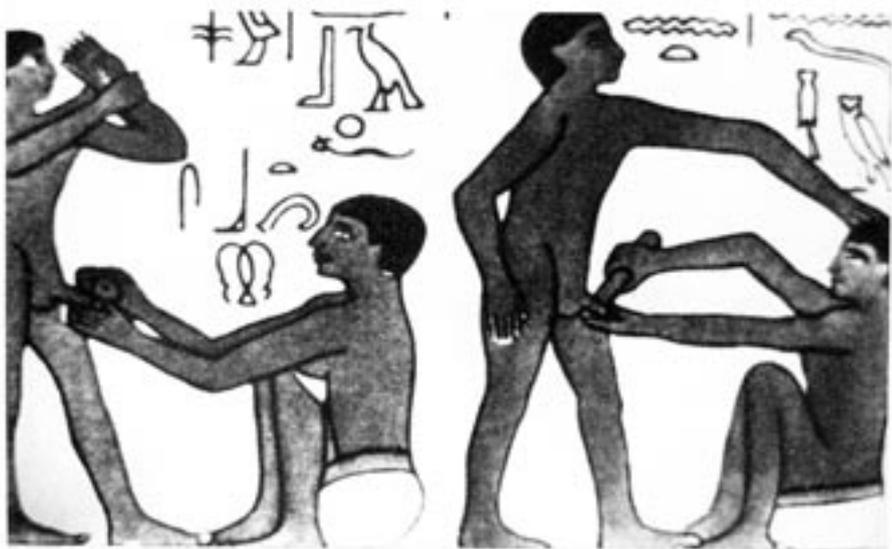


Figura 3 – O papiro de Ebers (mais de 1500 a.C.) pode ser considerado o primeiro tratado sobre medicina. Estátua de *Imhotep* (2900 a.C.), um misto de escriba, sábio, matemático, mágico, arquiteto, astrônomo, poeta, que era também o deus da medicina. A gravura ainda mostra que os egípcios já praticavam circuncisão (Reproduzido de Lopes O.).

A reputação dos médicos egípcios devia-se a suas habilidades como diagnosticistas e cirurgiões, sendo que, no papiro de Edwin de cirurgia, 42 de 58 exames conduzem a recomendações para tratamento. A despeito da presença de encantamentos, mágicas e curas religiosas, os tratados são cuidadosos em distinguir entre estas e deixar o caso para outros curandeiros. Tocar, tomar o pulso, ver e cheirar o paciente deram ao médico egípcio uma visão do funcionamento do corpo, cujas doenças eram geralmente atribuídas a resíduos putrefeitos retidos dentro dele: por exemplo, calor no ânus poderia causar fraqueza do coração. Daí a necessidade de combater a produção de pus e limpar o corpo com purgantes e enemas, bem como lavagens e perfumes. Tais procedimentos foram seguidos também na mumificação para preservar os corpos. A remoção dos órgãos para embalsamamento pressupõe conhecimentos anatômicos e é provável que os embalsamadores trocassem saber com os médicos. Certamente não havia no Egito o mesmo tabu de manipular o corpo visto em outras sociedades, como na China. Por essa época, mulheres de classe alta na China possuíam estatuetas com detalhes anatômicos do corpo feminino para apontar ao médico regiões onde se manifestavam sintomas, já que seria despudor serem tocadas pelo prático ou desnudarem alguma parte do corpo, para exame (*Figura 4*).

Acima de tudo, os egípcios foram famosos pelas suas drogas. Elas oscilaram desde o simples alho porro à gordura de hipopótamo e da romã até ratos fritos e lapis lazuli. “Traga mel para os meus olhos e alguma gordura ... e uma pintura, tão logo que possível” escreveu o pintor Poi para seu filho Pe-Rahotep cerca de 1.200 a.C.: “Eu estou fraco. Desejo ter meus olhos e eles me faltam”. As drogas vinham do Mediterrâneo oriental, África e Ásia, representando uma combinação de ingredientes identificáveis e estranhas substâncias semimágicas, aplicadas num grande espectro de doenças.

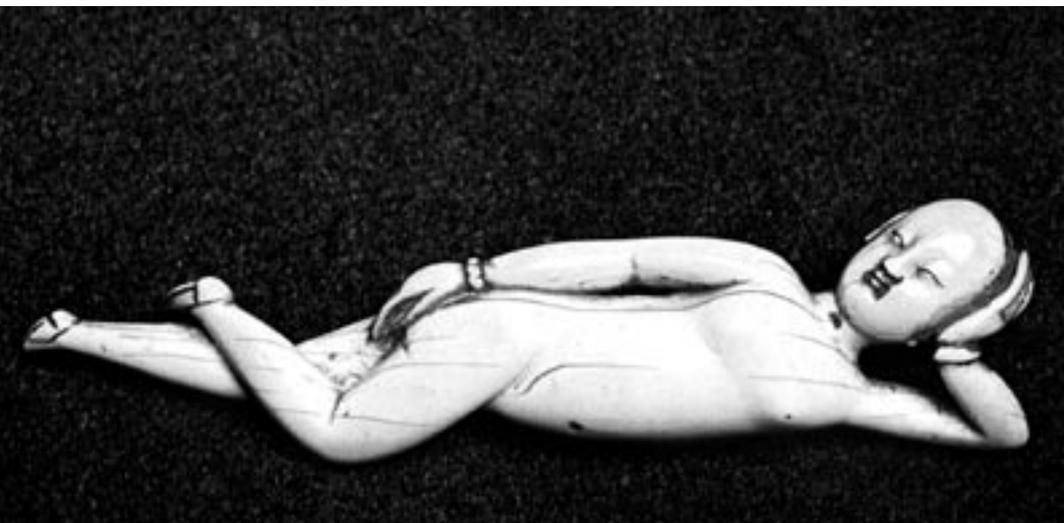


Figura 4 – Estatuetas chinesas usadas por mulheres de classe alta para apontarem seus males aos médicos, já que não era permitido serem tocadas por eles (Reproduzido de Lopes O.).

Medicina Grega antes de Hipócrates

Na Grécia antiga, berço da civilização ocidental, antes do advento da escola hipocrática, propagava-se o culto a *Asclépio* (*Esculápio* para os romanos) – deus da Medicina -, filho do deus *Apolo* com uma plebéia, que aprendera a arte de curar com o centauro *Quironte*. *Asclépio* sucumbiu por um raio mandado lançar por *Zeus*, por ter-lhe roubado o poder sobre a vida e a morte. Por vingança, *Apolo* fulminou os cíclopes que fabricavam os raios para *Zeus*, ficando este sem poder. Depois de um acordo entre *Zeus* e *Apolo*, este ressuscitando os cíclopes e *Zeus* ressuscitando *Asclépio* como deus da Medicina, tudo voltou às boas. Seus filhos *Macaon* e *Podalírio* foram deuses protetores dos cirurgiões e dos médicos. Suas filhas *Higéia* e *Panacéia* foram deusas da saúde e dos remédios medicamentosos (*Figuras 5 e 6*).

Os templos dedicados a *Asclépio* - provavelmente inspirados na medicina egípcia - foram os primeiros hospitais. Especialmente nos maiores templos, em Epidauro (mais bem conservado), Tricca, Lebena, Cós e depois Pérgamo, os doentes seguiam orientações dietéticas e higiênicas gerais, numa espécie de interregno (incubato), e depois, induzidos a um sono hipnótico por sacerdotes-médicos, recebiam conselhos de *Asclépio*, que eram decifrados por esses mesmos sacerdotes, e freqüentemente compatíveis com receitas e conselhos de um médico secular, receitas que muitas vezes funcionavam, mormente em doenças autolimitadas ou psicossomáticas. Quando o deus não aparecia, o desgraçado voltava para morrer em casa. Nos templos, o uso de drogas era restrito e não se faziam cirurgias. Tal cura era talvez menos custosa e mais acessível que os serviços de um médico particular. Na alta, ressaltavam aspectos psicológicos e as recomendações sobre a prática de uma vida saudável. Os curados ofertavam presentes ao templo (e aos sacerdotes). Deve estar aí a origem dos honorários médicos! Surgiram os famosos ex-votos, re-



Figura 5 – As três principais divindades gregas da saúde nos tempos pré-hipocráticos: *Apolo*, o centauro *Quironte* e *Asclépio*, segundo uma pintura em Pompéia (Museu Arqueológico Nacional, Nápoles, reproduzido de Lyons A, Petrucelli R.).

produção de partes curadas de pacientes agradecidos, que ornamentam até hoje locais de fé (*Figura 7*).

Curas mágicas sempre foram uma alternativa particularmente em casos crônicos. Poucos médicos rejeitavam intervenção divina direta e praticamente todos acreditavam numa interferência pessoal dos deuses sobre os homens, embora alguns cresseem que seus tratamentos podiam funcionar por mérito próprio sem magia. As epidemias agudas freqüentemente resultavam em tentativas de curas por meio de cerimônias religiosas públicas ou pela introdução de novos deuses supostos capazes de eliminar a doen-

ça. Assim, a misteriosa epidemia que acometeu Atenas e outras partes da Grécia em 430-427 a.C. ajudou a espalhar o culto a *Asclépio*, que superou *Apolo* como o preeminente deus grego da saúde, embora quase todas as deidades pudessem curar (como os santos cristãos, depois).

Na verdade, todo homem culto da época deveria entender um pouco de medicina, pois esta era uma arte aberta a especulações filosóficas. Empédocles e Platão nos 5º e 4º séculos a.C., foram tão importantes para influenciar e divulgar idéias médicas como os homens diretamente dedicados à prática da medicina. No século V a.C., os primeiros filósofos-cientistas pré-hipocráticos que praticavam medicina - formados por tradição oral de geração para geração e cultivando preceitos míticos e atitudes irracionais -, ou eram artesãos itinerantes ou recebiam os pacientes nos já citados templos. Embora não se praticasse cirurgia nos templos, havia uma coexistência pacífica entre a medicina sacerdotal (teúrgica) e a medicina artesanal (cirúrgica). Pela metade do 5º século a.C. esses artífices aplicavam métodos empíricos de diferentes categorias, quando começaram a desenvolver-se grupos de ensino ou “Escolas Médicas”, como as de Rodes, Cnido, Cós, Crotona, Cirene e Itália do Sul, herdeiras tanto da tradição empírica quanto dos conhecimentos metafísicos de filósofos-médicos, que também usavam se dedicar à astronomia, astrologia, geometria, ou seja lá o que for. O intelecto grego não podia, porém, satisfazer-se só com a prática médica; exigia uma teoria.

Baseados em sistemas filosóficos mais gerais, emergiram vários sistemas de medicina fundamentados em correntes filosóficas - por exemplo pitagorismo e outras -, surgindo visões médicas como o dogmatismo, o pneumatismo, o empirismo, o hipocrático. Concepções de doenças abrangiam teorias complicadas envolvendo relações entre *pneuma*, calor e umidade dentro do corpo. O ecletismo foi uma seita que reuniu verdades de ou-



Figura 6 – Asclépio (*Esculápio*), seus filhos *Macaon* e *Podalírio* e suas filhas *Higéia* e *Panacéia*, representados numa tabuleta votiva entre 370 e 270 a.C. Exerciam uma medicina teúrgica. Observe-se a diferença do tamanho entre médicos, semideuses, e pacientes, apenas humanos (Museu Arqueológico Nacional, Atenas, reproduzido de Lyons A, Petrucci R.).

tras, numa seleção arbitrária por seus propagadores. As afirmações de cada uma dessas seitas estenderam-se do 4º século a.C. até longe na era cristã. Querelas hipotéticas e puramente teóricas, intermináveis, entre as várias facções fizeram durante séculos com que os professores propusessem, os discípulos discutissem, os práticos disputassem e os pacientes esperassem. Nesse mercado médico a escolha ficava com o paciente.

O número de médicos nessa época na Grécia é desconhecido. Poucas cidades tinham mais de 2.000 habitantes, e curandeiros de tempo integral devem ter existido somente em Atenas e outras cidades grandes ou peregrinando por uma região, muitas vezes acompanhados de aprendizes ou enfermeiros. Vários combinavam exercício da medicina

com as mais diversas atividades, o que ocorreu até a Idade Média. Alguns iam a grandes cidades para estudar como aprendizes; outros, especialmente na ilha de Cós, aprendiam com suas famílias; ainda outros desenvolviam por si suas habilidades e o que podiam absorver de conhecimento observando e escutando debates médicos nas praças dos mercados. Algumas cidades grandes, especialmente Atenas em cerca de 500 a.C., tentaram assegurar os serviços de um médico fixo pagando um salário e atestando sua devida competência. Entretanto, o Estado não intervinha na relação entre o médico e o paciente e, embora tais doutores pudessem tratar, sem ônus, cidadãos, os não-cidadãos, que eram numerosos em Atenas, tinham que pagar integralmente.

A medicina praticada por esses profissionais era primariamente baseada na regulação do estilo de vida, dando ênfase a hábitos higiênico-dietéticos. Usavam-se drogas (as do Egito tinham grande reputação) mas a cirurgia costumava ser um tratamento de último recurso. Esfregar com vinho reduzia infecções em operações de hérnia. Tratavam fraturas, luxações, ferimentos craniais e prolapso uterino mas tinham escassos conhecimentos sobre órgãos internos e suas relações. Comparações com animais ou com objetos do dia-a-dia tomavam o lugar de observações cuidadosas. Por exemplo, a mulher era imaginada internamente como um tubo no qual o útero podia ser atraído ou repellido de sua posição normal por substâncias agradáveis ou repulsivas introduzidas na vulva ou no nariz.



Figura 7 – Em templos gregos pré-hipocráticos os pacientes eram induzidos a sonhar com Asclépio cujas palavras seriam depois interpretadas pelos sacerdotes e serviam para orientar a terapêutica (Reproduzido de Bender G, Thom R.).

4. O Surgimento de Hipócrates

No fim do século V e início do IV a.C., surgiram na Grécia as escolas médicas de Cnido e de Cós, a primeira cultuando um tradicionalismo médico mais arraigado e a segunda com maior abertura a novas idéias, mas ambas representando uma evolução do conhecimento médico. Hipócrates de Cós (460-370 a.C.), filho de médico, aluno de Heródico de Selímbría, nascido de uma família de sacerdotes-médicos - diziam ser descendente de *Asclépio* -, rompeu com o culto estabelecido, não visitou o Oriente nem o Egito (os estágios no exterior da época), praticou e ensinou sua medicina em Larissa, Tasos, Delos, Abdera, Perinto, Crotona e outras cidades, acompanhado de assistentes e auxiliares, conforme o costume da época. Quando Péricles morreu vitimado pela peste em Altina, em 481 a.C., Hipócrates lá se encontrava. Mostrando que quem é bom nasce feito, foi cognominado o “Pai da Medicina”, sendo a personalidade central do que é chamada a “Escola Hipocrática”, que refugou a visão templista do curandeirismo mágico e, além dos postulados éticos, começou a dar à Medicina uma conotação de corpo integrado por disciplinas, indo do diagnóstico ao tratamento e prognóstico.

É importante ressaltar que, embora o Hipócrates histórico, figura totalmente humana, tenha sido famoso como médico e professor, nenhum tratado isolado pode ser seguramente identificado como sendo dele e muitos dos detalhes tradicionais de sua vida são invenções posteriores a ela. Contemporâneo de Sócrates, Platão, Heródoto, Tucídides, Fídias,

Polignoto e Péricles em Atenas, vivendo numa época áurea e numa cidade que liderava intelectualmente o mundo e para este mostrava os caminhos da inteligência, da razão, da beleza, da harmonia e da grandeza, deixando um sombrio passado para trás, Hipócrates representou para a Medicina o que as maiores contribuições de seus iluminados contemporâneos representaram para a filosofia, as artes e a política (*Figura 8*).

Fiel a princípios pitagóricos - de Pitágoras, que ensinava ser a busca do equilíbrio o objetivo da natureza -, repudiou a noção de que as enfermidades eram castigos dos deuses, dizendo serem causadas por agentes naturais, como o calor, o frio, o vento e o sol, alterações do clima, dos ventos, das águas, de desequilíbrios orgânicos e alimentares, e que restituir a saúde dependia principalmente de restaurar as forças naturais do corpo e do espírito. Introduziu visões críticas e racionais numa área antes entregue à magia e à superstição, sistematizou a abordagem ao paciente, introduziu o exame clínico, organizou prontuários com histórias clínicas, registrou sucessos e fracassos de tratamentos. Embora tenha sido o introdutor dos registros médicos no Ocidente, seu exemplo foi esquecido, só reaparecendo no século IX no mundo muçulmano, e no século XVI na Europa. Hipócrates criou aforismos médicos baseados na experiência e seu juramento continua sendo a pedra de toque da Ética Médica, tão freqüentemente afrontada.

Com Hipócrates de Cós, no 5º século a.C., inicia-se a fase técnica com o surgimento da racionalidade na medicina - criando pelo método indutivo um sistema integrado de diagnóstico, prognóstico e tratamento, baseado em causas e efeitos e o aprendizado pela experiência -, inaugurando não a ciência mas uma atitude científica e moralizando a medicina pelo famoso juramento, com as idéias de benefício ao paciente e responsabilidade médica. A fase técnica da medicina é baseada numa suposta relação de causa e efeito, respaldada por um regrismo empírico advindo

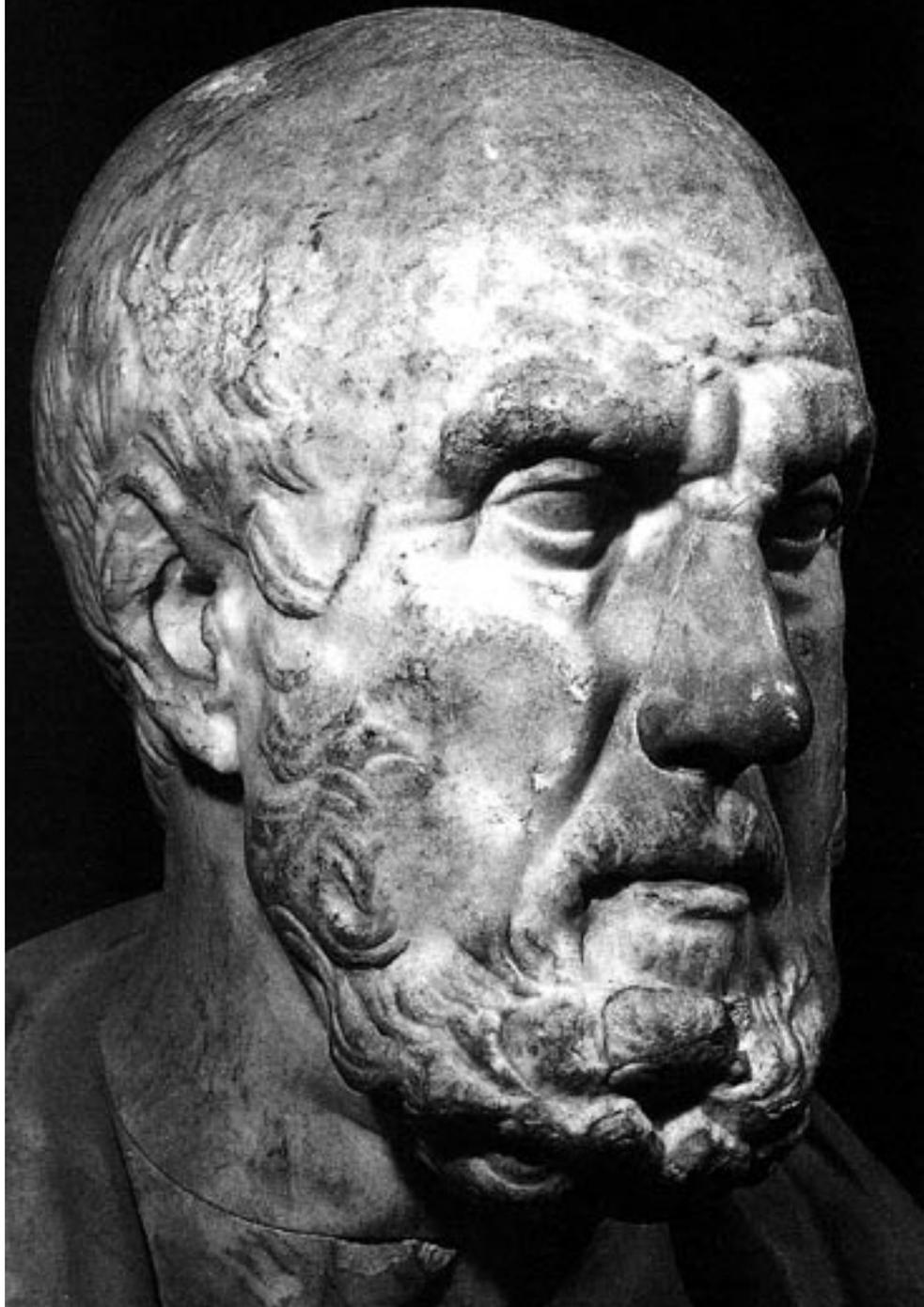


Figura 8 – Busto de Hipócrates, o pai da Medicina (Reproduzido de Facer S, McIntosh J.).

de observação prolongada. Hipócrates de Cós foi o primeiro que viu e raciocinou sobre o que viu, mostrando que o empirismo indutivo produz resultados mais compensadores para os pacientes que as adivinhações dos curandeiros, dispensando as lendas e buscando a verdade, claro que baseada nos conceitos da época. Instituiu a honestidade na medicina, dizendo que impressionar os pacientes é um dolo, recusando-se a usar tratamentos que julgava desnecessários (mensagem ainda atualíssima). Deixou um corpo de doutrinas, provavelmente compiladas em parte - *Corpus Hippocraticum* -, de que fazem parte numerosos tratados sobre: O Médico, A Arte, Preceitos, Beneficência, Tratado da Natureza e do Homem, Regime das Pessoas com Saúde, Prognóstico, Crise e Dias Críticos, Tratado das Luxações, Tratado dos Ares, das Águas e dos Lugares, Aforismos e o famoso Juramento (*Figura 9*).

Sua concepção sobre o funcionamento harmonioso do organismo e a relação deste com a natureza foi inovadora. Afirma que para ser sadio um indivíduo precisa de ar puro, água limpa, dieta equilibrada e frugal, exercício moderado, tranqüilidade, pais sadios, avós longevos, demonstrando percepção das verdadeiras razões da saúde e da influência genética (embora não tivesse a menor idéia do que fossem genes). É claro que não vivenciava conceitos modernos sobre medicina, como a existência de microorganismos, de hormônios ou outros conhecimentos - nem mesmo sabia que o sangue circula - mas, ao relacionar as doenças com causas naturais e melhorar o conhecimento pela experiência, já fazia ciência. Porém, a seguir, os pensadores gregos passaram a valorizar mais o método dedutivo, o que retardou o surgimento da ciência baseada em experiências. Assim, o método indutivo, empírico, capaz de observar fenômenos isolados, agrupá-los e generalizar conclusões, só foi reabilitado por Galileu e Bacon, no século XVII.

O tripé dogmático da medicina hipocrática é formado pelo vitalismo, teoria dos humores e naturismo. Embora os hipocráticos utilizassem algu-



Figura 9 – O exame clínico como conhecemos hoje surgiu com Hipócrates que, pelo método indutivo, começou a criar a ciência (Reproduzido de Bender G, Thom R.).

mas abordagens não científicas pela óptica atual, estabeleceram o hábito de examinar o paciente, anotar os sintomas e achados físicos, fundamentar prognósticos baseados na experiência e tratar seletivamente os doentes com princípios naturais, dos quais sobressaíam os remédios de origem vegetal. Criando o método indutivo, baseado em resultados (a tão atual medicina baseada em evidências), Hipócrates estabeleceu a importante medida de instituir tratamentos precoces, terminando com o hábito egípcio de só agir depois do quinto dia (se o infeliz conseguisse sobreviver). Introduziu cuidados intensivos na fase aguda da doença - repouso e alimentação adequados – e, embora recorresse a purgativos, vomitórios, dietas de fome e

sangrias, enfatizava a prescrição de banhos, massagens, caminhadas, bebidas de cevada, vinho e hidromel, procurando mitigar a dor e reequilibrar o organismo, de modo que a cura natural pudesse acontecer. Essencialmente contentava-se em lançar mão dos recursos do clima, da água, da dieta e do equilíbrio emocional, deixando a natureza seguir o seu curso. A restauração do bem-estar mental do paciente também competia ao médico. Após a cura, vinha o conselho de moderação e equilíbrio em todas as circunstâncias. A escola hipocrática observava os fatos, mantendo-se cética quanto ao inverificável, hesitante em teorizar além do constatável, porém pronta para generalizar a experiência. Ironicamente, contudo, proveio de Políbio, filho adotivo de Hipócrates, a “teoria dos humores”, idéia seguida dogmaticamente por muito tempo. (*Figuras 10 e 11*).

O pensamento hipocrático colocou a Medicina no rumo certo. Embora a Medicina fosse protociência, seu objetivo, como agora, era devolver e desenvolver a saúde. A função do médico deveria ser de auxiliar da natureza mas também de intérprete de seus desígnios, não insistindo com tratamentos além do possível. Sua força deveria recolher-se quando a missão de manter alguém vivo constituía-se numa tarefa inglória (ortotanásia). Conformer-se com o inevitável fazia parte da sabedoria médica. Se sua ação situava-se entre extremos de interferência e de contemplação, jamais deixava de ser inquestionada; não esqueçamos que Hipócrates, apesar de totalmente humano, era considerado descendente de *Asclépio*. Nasce aí o princípio da beneficência intrinsecamente ligada ao ato médico. Ao paciente cabia seguir a conduta prescrita sem questionar, pois o objetivo desta era seu bem, destino que nasceu com a Medicina e que a ela sempre esteve incorporado. Muito depois, no século XX, é que nasceu o princípio da autonomia do paciente.



Figura 10 – Hipócrates ensinando medicina a discípulos (Reproduzido de Brunini C.).

Figura 11 – O plátano na ilha de Cós, a cuja sombra o Pai da Medicina costumava ministrar suas aulas (Reproduzido de Lopes O.).



5. *Corpus Hippocraticum*

As medicinas babilônica e egípcia antigas mostram evidências de acurada observação, bem como hierarquização de seus praticantes. O que os escritos não revelam é questionamento, argumentação e discussões especulativas que marcam a medicina grega e que de certa forma a tornam independente das demais, como é visto no *Corpus Hippocraticum*, a coleção de mais de 50 tratados atribuídos a Hipócrates (cerca de 410 a.C.). A variedade de tratados no *Corpus Hippocraticum* é típica de um período em que a prática da medicina estava evoluindo na Grécia a partir de um sistema familiar exemplificado nas lendas de Asclépio e seus descendentes, um dos quais é dito que foi o próprio Hipócrates. O famoso Juramento Hipocrático representa um meio-termo, colocando o professor como a figura de quase um pai para o estudante, mas outras evidências mostram uma multiplicidade de profissionais da saúde – dentistas, médicos, obstetras, sacerdotes, encantadores, exorcistas, traumatologistas, cirurgiões -, para não citar curiosos de ambos os sexos, automedicação e intervenção divina.

Na verdade, o *Corpus Hippocraticum* reúne um conjunto de textos médicos de épocas e escolas distintas que foram recopilados pela Biblioteca de Alexandria no século III a.C., entre 420 e 370 a.C., composto de 53 tratados perfazendo 72 livros. O conjunto dessa obra foi editado por Émile Littré no século XIX. Oferece conselhos em ginecologia, ferimentos da cabeça, epilepsia e grande faixa de doenças. Alguns dos tratados são manifestos públicos, outros coleções de anotações de casos; muitos dependem de estreita observação, diversos são altamente especulativos. A agudeza

de suas descrições clínicas pode ser detectada nesta descrição de uma pleurisia: “Quando os pulmões tocam nas costelas e há tosse, o paciente sente dores no tórax e ouve-se um som semelhante à fricção de duas peças de couro”, ou nestes ensinamentos: “Declare o passado, diagnostique o presente, antecipe o futuro”; “Nas doenças, faça hábito de ajudar ou no mínimo não prejudicar” (princípio da não maleficência); “A arte envolve três coisas: a doença, o doente e o médico. O médico é o servo da arte. As doenças devem juntar-se ao médico no combate à *doença*”.

A medicina hipocrática conforme mostrada no *Corpus* caracteriza-se por três aspectos: detalhada observação de sintomas, abertura para discussão de idéias e disposição para explicar causas das doenças. A grande variedade de explicações oferecidas, muitas vezes conflitantes, tem por denominador comum considerar saúde e doença como formas de harmonia ou desarmonia orgânicas. Algumas vezes é um balanço de elementos (as últimas partículas do corpo e o universo inteiro, micro e macrocosmo), outras vezes de fluidos ou “humores”, diversas vezes de qualidades (calor, frio, umidade e *secura*) ou ainda de fluxos que podem prejudicar por localizarem-se em lugar errado. O corpo era visto como muito instável, aberto à doença, difícil para diagnosticar e freqüentemente impossível de curar.

Dois fluidos principais, ou humores, mereceram especial consideração, bile e flegma, vistos como causas ostensivas de moléstias de verão, como diarréia, e resfriados, no inverno. Os hipocráticos consideravam o corpo uma arena para os dois, no qual também a mente podia ser afetada: flegma causando epilepsia e bile, delírio. Nesse meio, tinham papel mudanças sazonais e hereditariedade. O sangue também foi descrito como um humor e o tratado *Da Natureza do Homem* adicionou um quarto humor, bile negra - causadora de melancolia -, uma misteriosa substância tão mortal quanto o sangue, benéfico. Este sistema dos quatro humores, depois visto como do próprio Hipócrates, foi facilmente estendido para ligar-se com os quatro

elementos enunciados por Empédocles da Sicília (490/495-435 a.C.), água, ar, terra e fogo, e as quatro qualidades, calor, frio, umidade e *secura*. A teoria dos quatro humores ofereceu um *rationale* para entender o homem na doença e na saúde dentro do macrocosmo e ao mesmo tempo para explicar a individualidade das doenças. Os sete livros de Epidemias trazem histórias de casos individuais e maior espectro de doenças numa comunidade durante um ano. Ares, Águas e Lugares usam o ambiente para explicar diferenças físicas e mesmo políticas entre os povos.

Observando que o corpo humano contém vários fluidos, como sangue, bÍlis, urina, esperma e outros, e que durante muitas moléstias aumenta a produção de secreções (corrimento nasal, expectoração, purulência, vômitos, diarréias, etc.), e conjugando os efeitos dessas alterações sob uma óptica pitagórica, os hipocráticos as interpretavam como manifestações da ruptura da harmonia corporal (*discrasia*). Não deixa de ser uma idéia embrionária da teoria hormonal. Como visto, foram identificados “quatro humores corporais” - sangue, bile negra, bile amarela e flegma ou catarro -, aos quais associaram-se as quatro qualidades dos quatro elementos, *secura*, umidade, calor e frio. Numa pessoa saudável tudo estaria equilibrado. Sendo mal distribuídas pelo corpo, variação das proporções entre os componentes determinaria as doenças orgânicas. A terapêutica lógica seria a drenagem dos excessos. Daí a origem das sangrias, punções, cataplasmas, ventosas e sanguessugas, usadas até o século XX. Dessas terapêuticas, mantém-se a punção para drenagem de abscessos e de derrames internos compressivos e, em alguns casos, sangria para alívio de policitemias extremas. As sangrias surgiram da observação de que muitas mulheres sentiam-se mais dispostas depois da menstruação, cuja tensão pré-menstrual atribuíam a excesso de sangue impuro, e não a alterações hormonais, que desconheciam.

Mais tarde, no século II, Galeno adicionou à lista dos quatro elemen-

tos, quatro qualidades e quatro humores os quatro temperamentos: sanguíneo (caloroso e agradável), fleumático (calmo e apático), melancólico (triste e deprimido) e colérico (violento e explosivo). A tantos seduziu o número quatro que logo foram enumerados os quatro órgãos principais do corpo: coração, cérebro, fígado e baço. Como já se reconheciam as quatro estações, primavera, verão, outono e inverno, a vida humana também foi fracionada em infância, juventude, maturidade e velhice, e surgiram as quatro virtudes, prudência, justiça, temperança e fortaleza. O conceito dos vários “quatro” permaneceu na medicina pelo menos até o século XVII, e muitos desses termos são usados ainda hoje.

Na explicação do metabolismo corporal ressaltava a importância do calor como manifestação de vida, já que a morte é fria. Esse calor ia diminuindo durante a existência humana; assim, a febre nas crianças costuma ser mais alta que nos velhos, estes mais perto da morte. O calor indispensável à vida seria gerado no coração, por isso o órgão mais quente do corpo. A escola hipocrática, fraca em fisiologia, apenas utilizou conceitos mais antigos sobre essa disciplina. Na seção sobre o coração do *Corpus Hippocraticum*, repetem-se as antigas idéias de Empédocles de que o coração é a origem do calor animal, sede de um fogo inato. O ar inspirado chegaria no coração pela veia pulmonar, onde se aquecia e depois era enviado para todo o corpo pelas “artérias”, cheias de ar (para ele, só as veias continham sangue). Reconheceram-se as valvas átrio-ventriculares e a presença de sangue escuro e claro nas diferentes cavidades e afirmou-se que o coração é um órgão tão nobre e essencial que não poderia adoecer, pois isso seria incompatível com a vida. Confundiam veias com artérias e nervos com tendões. No seu tratado Da Respiração, Hipócrates impõe a idéia de que a respiração é uma seqüência de inspiração e expiração - ventilação pulmonar -, resultante dos movimentos torácicos consecutivos aos do coração, para esfriá-lo, uma vez que, quanto mais o coração esquenta e se agita, mais aumenta a ventilação pulmonar!

A medicina hipocrática não era estritamente científica porque no tempo de Hipócrates o método científico ainda não existia, mas a clínica estava no caminho certo uma vez que partia da observação e procurava ligar causa com efeito. Foi aplicada e muitas vezes teve êxito por mais de dois mil anos. Por derivar-se de uma observação empírica de repetições de ocorrências, o conhecimento hipocrático - construindo uma técnica baseada no método indutivo -, de certa forma decreta o nascimento da ciência; assim, a ciência começou pela medicina. Observações empíricas - frutos de vivência clínica - sobre semiologia, prognóstico e terapêutica governaram toda a arte médica por dois mil anos, sob forma de aforismos, muitos sendo verdadeiros até hoje. Vejamos alguns (*Figura 12*).

Sobre a profissão médica

A vida é curta e o aprendizado longo; a crise é efêmera; a experiência perigosa; a decisão difícil. O médico precisa estar preparado para fazer não apenas o que julga certo mas também fazer com que o paciente, seus assistentes e outras pessoas colaborem.

Sobre vida saudável e medicação abusiva

Nos atletas, a obesidade quando atinge um limite extremo é perigosa, uma vez que estes, não podendo ficar estacionários e nem se aperfeiçoar, só lhes resta piorar; por isso é preciso tentar reduzir a obesidade sem demora, para que o organismo tenha chance de se recuperar.

As pessoas que sempre foram gordas têm maior probabilidade de morrer cedo do que as magras.

Na pessoa jovem, alguns quilos a mais favorecem a aparência, mas na idade avançada é mais saudável ter um corpo delgado.

Nem a repleção, nem o jejum, ou qualquer outra coisa são benéficos quando em exagero.

Quando o organismo não está adequadamente purificado, quanto mais alimento a pessoa ingerir, maiores serão os danos.

Os purgativos são prejudiciais às pessoas que gozam de boa saúde.

Sobre clima e epidemiologia

Um ano seco é mais benéfico ao organismo do que um ano chuvoso, e no primeiro caso a taxa de mortalidade costuma ser menor.

O verão provoca a ocorrência de febres contínuas e intensas, febres terçãs acompanhadas de vômitos, diarreia, conjuntivite, dores de ouvido, ulcerações na boca, necrose das partes íntimas.

Sobre febres e doenças agudas

Quando uma determinada área do corpo está quente ou fria, é sinal de que ali está instalada uma moléstia.

Em febres contínuas, se as áreas externas do corpo estiverem frias mas os órgãos internos muito quentes e se a pessoa tiver sede, esse é um sintoma mortal.

Quando uma pessoa está doente é normal que chore voluntariamente, e esse é um bom sintoma, mas o choro involuntário é um mau sinal.

Todos os tipos de febres complicadas por gânglios são graves, exceto quando eles desaparecem logo.

As pessoas com tétano morrem em quatro dias mas quando conseguem atravessar esse período se recuperam.

Se uma pessoa estiver com febre mas não apresentar inflamação na garganta e for tomada de súbita sensação de falta de ar, esse é um sintoma mortal.

Em moléstias agudas não é aconselhável prognosticar a morte ou a recuperação.

É preferível que a febre sobrevenha à convulsão a que a convulsão sobrevenha à febre.



Figura 12 – Por dois mil anos o ensino médico foi feito com base nos aforismos de Hipócrates, muitos válidos ainda hoje. Observe-se o maior tamanho e o plano mais elevado do mestre em relação aos discípulos. (Manuscrito medieval, reproduzido de Facer S, McIntosh J.).

O que resta de uma doença após uma crise pode provocar recaídas. Ulcerações acompanhadas de queda de cabelo são extremamente graves. Pessoas sujeitas a desmaios freqüentes e sérios sem causa aparente, têm morte súbita.

É impossível debelar um forte ataque de apoplexia, e é difícil eliminar um ataque brando.

Sobre doenças torácicas

É aconselhável observar se as dores nas partes laterais do corpo, nos seios e em outras regiões diferem muito entre si.

As pessoas que ficam corcundas antes da puberdade, devido a asma ou tosse, morrem logo.

Um escarro com sangue sempre é sucedido por um escarro com pus.

Se uma pessoa tuberculosa for atacada por diarreia, terá pouca chance de sobreviver.

Sobre doenças abdominais

Para tratar queimor no estômago, evitar dietas ocres e fazer uma viagem pelo Mediterrâneo.

Vômitos misturados com sangue são um mau sintoma mas a eliminação de sangue junto com as fezes não é um sintoma tão grave, o mesmo valendo para fezes negras.

Nos casos de icterícia, é um mau sintoma quando o fígado fica endurecido.

Sobre doenças urogenitais

Uma espuma gordurosa e abundante na superfície da urina é indicação de moléstias renais agudas.

No homem idoso, a cura de moléstias renais e da bexiga é muito difícil.

Os eunucos não sofrem de gota nem ficam calvos.

O homem jovem não sofre de gota enquanto não pratica o coito, e a mulher só depois que cessa a menstruação.

Sobre a mulher

Se a mulher grávida for acometida de violenta diarreia, correrá o risco de abortar.

Quando o volume dos seios de uma mulher grávida diminui subitamente significa que ela terá um aborto.

Se uma mulher grávida continuar a menstruar, a criança nascerá doentia.

Uma mulher nunca é ambidestra.

Os aforismos hipocráticos são pérolas que abarcam desde uma filosofia profunda até conhecimentos clínicos, conselhos terapêuticos, lições epidemiológicas e prognósticos precisos, vários deles ainda válidos nos dias de hoje. Em muitos textos a ênfase é colocada no prognóstico, que incorporava o diagnóstico moderno e previa o mais provável desfecho de um caso, como visto na medicina babilônica ou egípcia. O prognóstico hipocrático também atuou como um seguro: garantia ao médico distinguir entre o que ele poderia ou não fazer, livrando-se de culpa por falha subsequente ou pela recusa de tratar o doente.

6. *Ética Médica Hipocrática*

Por menor que seja o apelo material de uma sociedade, esta não sobrevive sem conflitos, nem por curtos períodos, sem um sistema de regras e valores que regulem as relações entre as pessoas. A regulação das interações pessoais através de leis, de códigos, de mandamentos torna-se imperiosa para a harmonia da sociedade.

A palavra ética, que significa um conjunto de qualidades nobres e a defesa do homem e da vida, vem associando-se à Medicina desde a antiga Grécia e, passando por todas as épocas, chegou até os dias presentes. Com a figura de Sócrates (469-399 a.C.), a filosofia clássica associa o emergir da ética aplicada à sociedade. Sócrates buscava incessantemente a verdade, questionando, porém, todos os caminhos até chegar a ela, o que declarava não conseguir atingir, mas continuar buscando: “Só sei que nada sei”. Suas dúvidas, porém, assentavam-se e eram resolvidas sob a égide do bem, a partir daí constituindo-se a união entre bem e filosofia, que, sob a dominante influência cristã, caracterizou todo o pensamento ocidental até recentemente. Sócrates elevou a Ética à sua dimensão racional, justificando que a integridade do “outro” é também merecedora de respeito. É claro que depois os diferentes costumes e complexidades das sociedades grega, romana, medieval, renascentista, moderna e contemporânea criaram demandas baseadas em anseios diversos, conduzidos por comportamentos resultantes de múltiplos estágios de evolução social modificadores dos apelos éticos.

A dessacralização da ética começou mais notoriamente com Sócrates e seu discípulo Platão, que a trouxeram da altura dos deuses para ser aplicada na conduta humana e na sociedade. Sócrates buscava principalmente o aperfeiçoamento humano, Platão, a organização da sociedade, ambos tendo a visão de atingir o bem. Aristóteles, aluno de Platão, com quem depois rompeu, preocupava-se mais com as coisas aparentes e com o justo meio, a moderação. Introduziu a lógica e o pensamento teleológico ou finalístico nas ciências naturais. Os três acreditavam que somente conhecendo-se o bem seria possível levar uma vida virtuosa e organizar a sociedade. É a base da santidade cristã e do imperativo categórico kantiano.

Numa época conturbada em que o cristianismo ainda não havia disciplinado as consciências, inexistia atividade mais propícia ao altruísmo solidário trazido pela ética do que a Medicina. Esta, com seus objetivos de curar às vezes, alentar geralmente e consolar sempre, nascera dos deuses. *Asclépio*, filho de *Apolo* e de uma plebéia – não esqueçamos que os deuses gregos tinham fraquezas humanas –, deu à classe médica sua origem divina. O tratamento podia ser buscado pelos pacientes mas antes de tudo era uma dádiva dos deuses, e a ação médica situava-se entre o divino e o natural. Sua verticalidade não podia ser questionada e muito menos contestada. Forjando conceitos de responsabilidade médica e benefícios aos pacientes, a Ética Médica, que surgiu com a figura gigantesca de Hipócrates, estabeleceu a verdade na Medicina.

A virtude e a prudência eram as vigas mestras da verticalidade hipocrática, o que colocava o médico - praticamente um observador desarmado e um terapeuta empírico - sem grandes opções técnicas quanto ao curar mas com grandes reservas de bondade, compaixão, amizade, protecionismo, cortesia, caridade e simpatia (etiqueta), virtudes que, diga-se de passagem, mesmo nesta época de técnica avançada, muitas vezes fazem mais falta para o paciente que uma fria prescrição. A medicina hipocrá-

tica não é mais do que a aplicação da razão ao conhecimento médico e um despertar do humanismo virtuoso na arte de curar. Está embasada em preceitos homéricos, pitagóricos, socráticos, platônicos e estoicos. O bom e o belo eram buscados não só no mundo ideal mas também no corpo humano, transformando esse objetivo na sua meta maior. Torna-se evidente em toda a obra hipocrática que o máximo objetivo a ser alcançado com o exercício da Medicina é o bem do paciente, não o enriquecimento do médico (alguns, felizmente poucos, esquecem disso). Surge assim o princípio da beneficência na ética médica ou, pelo menos, não causar dano - princípio da não-maleficência. Na visão hipocrática, a beneficência é uma inquestionada verticalidade a partir do médico para o paciente.

Não obstante sejam conhecidos muitos mandamentos estabelecendo regras para a prática da medicina antes do advento da era hipocrática, o juramento hipocrático fixa as bases da ética médica para a civilização ocidental. Porém, esse documento - uma das maiores construções morais do Ocidente - pode ter surgido a partir de compilação de textos mais antigos. Os principais conselhos morais escritos no *Corpus Hippocraticum* apontam para reverência aos mestres, respeito ao sigilo profissional, respeito e benefício incondicional ao paciente, total proteção à vida humana desde a concepção, moralidade pessoal e vida profissional ilibada.

Vale a pena ler o Juramento completo:

“Juro por *Apolo*, médico, por *Asclépio*, por *Higéia* e por *Panacéia*, por todos os deuses e todas as deusas a quem tomo por testemunhas do cumprimento deste juramento, que me obrigo a cumprir com todas as forças e minha vontade. Dedicarei a meu mestre de medicina igual respeito ao que dedico aos autores de meus dias, dividindo com ele meus haveres e socorrendo-o, em caso de necessidade; considerarei seus filhos como meus irmãos, e, se quiserem aprender medicina, ensiná-

la-ei desinteressadamente e sem nenhuma recompensa. Instruirei com preceitos, lições teóricas e demais métodos de ensino a meus filhos, os de meu mestre e os discípulos que me acompanharem conforme a convenção e o juramento da lei médica e a mais ninguém.

Prescreverei o regime dos enfermos de modo que lhes seja mais proveitoso, conforme minhas possibilidades e meu conhecimento, evitando todo o mal e toda a injustiça. Não darei venenos a ninguém, mesmo que me peça, nem farei sugestões nesse sentido. Abster-me-ei igualmente de administrar às mulheres grávidas pessários abortivos. Passarei minha vida e exercerei minha arte com simplicidade e pureza. Não praticarei a operação da talha, deixando esta operação aos que se dedicam a praticá-la ordinariamente.

Quando entrar em uma casa, não levarei outro propósito que não seja o bem e a saúde dos enfermos, cuidando de não cometer intencionalmente faltas injuriosas ou corruptoras, e sobretudo evitando a sedução das mulheres e dos rapazes, livres ou escravos. Guardarei segredo sobre o que vir ou ouvir na sociedade e não seja preciso que se divulgue, seja ou não no exercício de minha profissão, considerando a discrição como um dever em tais casos. Se observar com fidelidade este juramento, seja-me dado gozar felizmente minha vida e minha profissão, honrado sempre entre os homens; se o quebrar e for perjuro, caia sobre mim sorte adversa” (*Figura 13*).

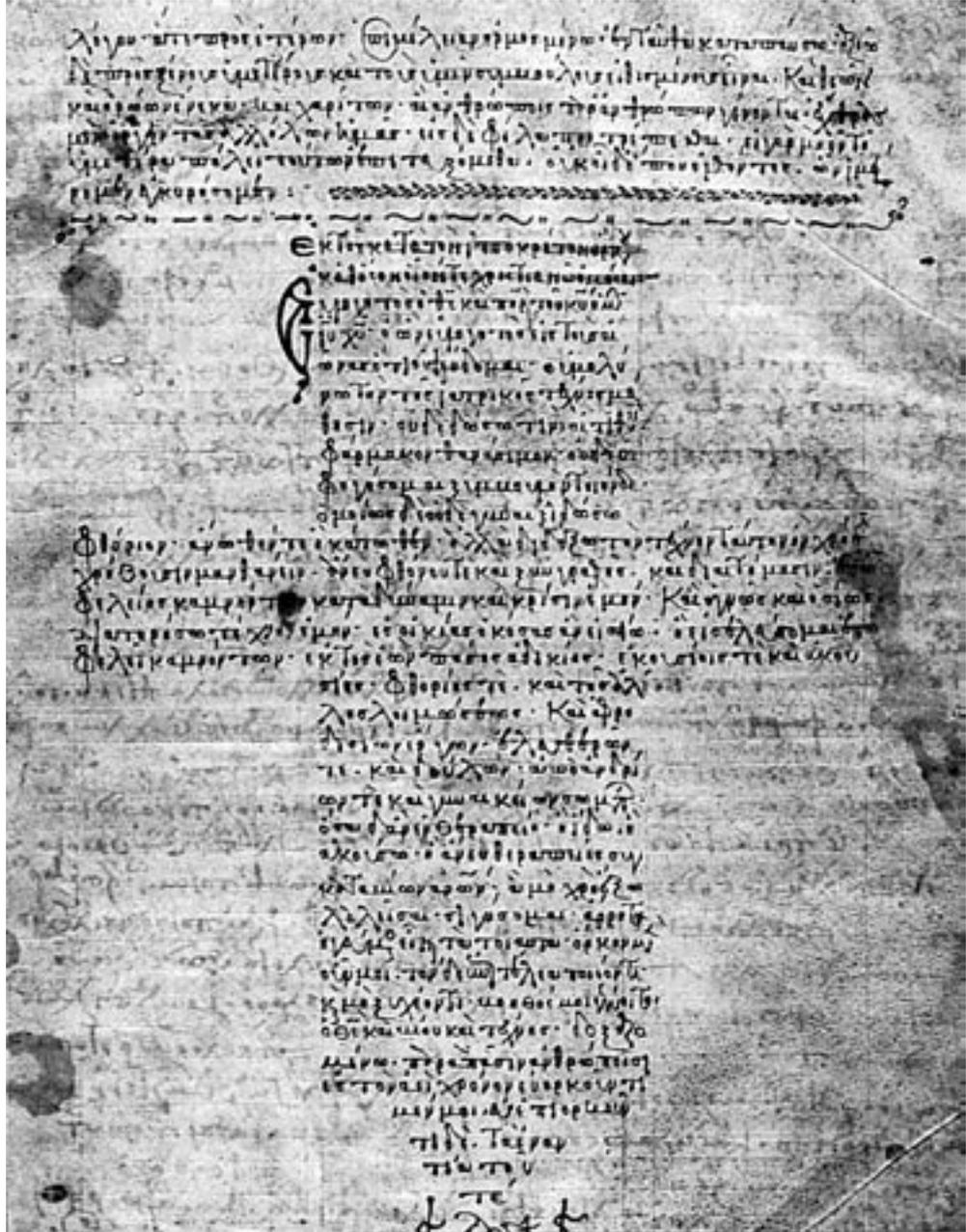


Figura 13 – O cristianismo absorveu completamente o Código de Ética Médica e o Juramento de Hipócrates, a ponto de este último ter sido escrito em forma de cruz na Idade Média (manuscrito medieval grego, reproduzido de Porter R.).

7. Legado de Hipócrates

Com toda probabilidade, a obra hipocrática completa é reflexo mais de uma Escola que de um homem isolado. Entretanto, isso não retira mérito de seu monumental legado: separação do mito e da filosofia da ciência; sistematização da medicina; mundo natural como base da medicina; código de ética médica.

Separação do mito e da filosofia da ciência

Ao ter sido Hipócrates o primeiro a testar pela experiência a concepção racional dos filósofos, desenvolvendo o “método hipocrático” - conhecido como indutivo -, e validando hipóteses, começou a separar, assim, a Medicina – e com ela a Ciência - da Filosofia. Tal como a matemática com o mundo físico, a medicina de Hipócrates levou a ciência para a biologia. Numa época em que a medicina era teocrática, os médicos adivinhos e as explicações irracionais, Hipócrates de Cós criou um corpo de doutrina sistematizado que elevou essa mesma medicina à categoria de pré-ciência, procurando tornar as explicações relações entre causa e efeito. Fundou o método clínico à beira do leito (klinós) - dizendo que o lugar do médico é ao lado do doente -, e desenvolveu a relação médico-paciente, que vigoram até os dias atuais. Foi pela medicina que o homem começou a se aproximar da ciência, quando o fato se libertou do mito e de um idealismo filosófico que negava a realidade.

Sistematização da Medicina

O *Corpus Hippocraticum* revela pela primeira vez um sistema integrado de medicina, afirmando que “para conhecer-se a natureza do homem é necessário conhecer-se a natureza de todas as coisas”, o que vincula definitivamente medicina com cultura e humanismo. Por séculos, atravessando a Antiguidade e a Idade Média, as observações de doenças e de pacientes transformadas nos aforismos de Hipócrates foram uma das bases do ensino médico, pois, como o método científico só surgiu vinte e dois séculos depois, o aprendizado se fazia por meio de memorização de máximas, versos, fábulas, aforismos. Estes, embora sem uma validação científica ortodoxa, traduziam condutas baseadas na experiência, servindo como aprendizado de comportamentos observados. Se bem que a fisiologia hipocrática, cópia de idéias mais antigas, tenha sido demolida com o surgimento do método científico no século XVII, muitas observações clínicas são válidas até hoje. A partir de Hipócrates a Medicina é definida como mais do que mera técnica curativa, sendo um corpo de conhecimento, teórico e prático, próprio para entender a saúde, a doença, aperfeiçoar o homem e melhorar ou curar o paciente.

Mundo natural como base da Medicina

O reconhecimento de que a saúde depende da qualidade de fatores naturais que cercam o indivíduo criou o conceito de que a doença pode ser vencida ou evitada restaurando-se o equilíbrio das forças naturais que mantêm a sanidade orgânica, como vida saudável, alimentação correta, ar puro, equilíbrio emocional. Trata-se de um princípio eterno ligado a causa e efeito, funcionando sempre que se combate a poluição ambiental, o fumo e outras drogas, usa-se dieta equilibrada sem agrotóxico, vive-se em clima favorável, elimina-se o estresse emocional ou desobstrui-se mecanicamente uma coronária que estava levando ao infarto do miocárdio.

Código de Ética Médica

O código de ética hipocrático humanizou a medicina, transformando-a de um ramo da história natural na mais nobre das ciências, regulamentou e estabeleceu limites para a conduta médica, impôs o sigilo profissional e o respeito absoluto à vida, ao paciente e sua família. Tão grande tem sido sua influência que, junto com a filosofia socrática e platônica, moldou o núcleo da moralidade e da ética cristã e ocidental até os dias atuais. Mostrando sua completa absorção pelo cristianismo, na Idade Média seu texto chegou a ser escrito em forma de cruz, substituindo-se apenas a invocação inicial a deuses pagãos gregos por um chamamento a ícones católicos. Sendo pré-cristãos, Sócrates, Platão e Hipócrates foram chamados de cristãos que vieram anunciar a chegada de Cristo. O princípio ético da beneficência - fazer o bem, não causar dano, cuidar da saúde, favorecer a qualidade de vida - é o mais antigo dos princípios da ética médica e da bioética e remonta diretamente a Hipócrates. É aceito em todos os sistemas filosóficos com nomes diferentes, seja de ética ou moralidade cristã, solidarismo socialista, imperativo categórico kantiano, ajuda mútua anarquista, utilitarismo britânico ou espiritualismo oriental.

Até recentemente a beneficência foi um princípio soberano, hoje é limitada pela necessidade de definir o que é bem (autonomia do paciente), pela não aceitação do paternalismo, ou seja, a atitude que decreta o que é bom para outrem sem direito a recusá-lo, e por novos conceitos de justiça. Entretanto, passando por todas as correntes de pensamento até os dias atuais, o princípio da beneficência continua a ser o cerne da Medicina. Está associado ao de não-maleficência, o que tem sido essencial para ajudar o progresso da medicina em estudos baseados em evidências. Atualmente, nesses estudos, este princípio preserva o paciente de ser submetido a medicações ou procedimentos que possam expô-lo a condutas não sancionadas por um conhecimento já validado.

8. Depois de Hipócrates

A partir de Hipócrates a Medicina ligou-se à Ética mas prática e conhecimento médicos ainda não reconheciam anatomia e fisiologia como suas bases explicativas, as quais permaneciam como disciplinas estanques, baseadas em estudos de animais. Foi na Escola de Alexandria, cerca de 300 anos a.C., que começaram a ser dissecados corpos e estudadas anatomia e fisiologia humanas. É possível que tenham sido feitas vivisseções. Não obstante, por influência da filosofia platônica e depois do cristianismo, que muito a absorveu, tornou-se proibido dissecar corpos humanos. O corpo não podia ser violado nem depois da morte. No século II, no mundo romano, surgiu o médico Galeno que era autoritário, impositivo, manteve ensinamentos teleologistas aristotélicos e criou um modelo de médico semelhante, cujos conhecimentos dominaram a medicina por 1.400 anos.

Com a destruição de Alexandria pelo obscurantismo religioso cristão e muçulmano e com o surgimento da Idade Média, praticamente desapareceram na Europa a cultura e a erudição entre os anos 400 e 1000. O advento do cristianismo - que dominou na Europa Ocidental todas as formas de pensamento do ano zero até o início da Renascença no século XV - modificou os horizontes filosóficos do mundo greco-romano, deixando para trás o politeísmo e a concepção cosmológica grega e incorporando à cultura médica uma nova ordem moral proveniente da concepção estoica de um deus único, do qual emanava toda a ordem universal. Apareceu assim uma ética messiânica pela qual o amor por Deus e pelo

próximo é expressado por meio da caridade cristã. A ética hipocrática que nascera do “amor ao homem por amor à arte” transmutou-se em “amor à arte por amor ao homem”, sem pedir nada em troca. Nasceram a medicina monástica e os primeiros hospitais.

No século VI, surgiu o monasticismo criado por São Bento e com ele a medicina monástica ao redor dos conventos, e também os barbeiros-cirurgiões. Paulatinamente, os monges médicos foram proibidos de afastar-se dos mosteiros para não sucumbirem a tentações mundanas, e os pacientes começaram a ir até eles. Foi a origem dos hospitais medievais, por muito tempo apenas imundos depósitos de doentes desenganados. Nesse período não houve progresso nos ensinamentos de Hipócrates e Galeno, havendo até um recuo em direção a práticas ocultistas. Os pesquisadores que tentavam inovar eram perseguidos ou confundiam-se com os alquimistas, mais voltados para a busca da *pedra filosofal*, do *elixir da longa vida* e da *transmutação dos metais em ouro*, tudo segundo fórmulas mirabolantes.

Na Idade Média, doenças, pestes e epidemias eram consideradas desígnios e castigos divinos. Caracterizando-se a cultura medieval pelo absolutismo cristão e por uma negação completa do evolucionismo, não houve nenhum avanço técnico significativo nessa época, a ética médica manteve o conceito de beneficência ao paciente, só sendo infringida por condutas que afrontassem princípios cristãos e bíblicos, e não por processos mágicos. Com um certo renascimento cultural no século XII, o catolicismo moldou o aristotelismo e surgiram as universidades para armazenar e transmitir o saber, não para criá-lo, ensinando teologia, direito, medicina. A escola médica de Salerno, dando ênfase a preceitos greco-romanos de salubridade, foi a primeira a ter um currículo regular, aceitar mulheres e, em 1224, passar a exigir exames, por decreto real, para conceder diploma de médico. Medicina e cirurgia iniciavam tênue união.

No século XIII desenvolveu-se uma revolução cultural e a medicina laica,

que passou a ser crescentemente lucrativa. Na Europa, a medicina teve início como profissão regulamentada - exigindo requisitos legais e acadêmicos na Idade Média -, com o aparecimento das primeiras Universidades e Faculdades de Medicina. Seus nascimentos confundiram-se com a atividade clínica, motivo pelo qual esta continuou governando as aquisições posteriores, como ensino, pesquisa, epidemiologia e medicina social. Abusos e erros médicos eram condenados por tribunais eclesiásticos ou pela justiça comum, baseados em critérios religiosos ou em códigos penais para médicos.

As bases da modernidade estão na descoberta da Imprensa, no Renascimento, na Reforma e na introdução da Matemática nas relações humanas, que, progressivamente, se consolidaram do século XV ao século XIX. A Filosofia passa a centrar-se no Homem em vez de em Deus e na Natureza, depois surge o Liberalismo e a Democracia, as Revoluções Científica e Industrial. As preocupações com o social e com o solidarismo dominam o horizonte filosófico. Bem-estar e liberdade individual governam os anseios do homem, e seus arautos são a Filosofia e a Ciência, que reivindicam novos direitos, fazendo nascer uma autonomia moral que contraria imposições tradicionais. A sociedade começa a tendência de governar-se independentemente de um poder central arbitrário.

Apenas no ano de 1803 foi publicado o primeiro Código de Ética Médica numa concepção atual e usada pela primeira vez a expressão “ética médica” por Thomas Percival no seu livro, obra fundamental da deontologia médica, *Medical Ethics: A code of institutes and precepts adapted to the professional conduct of physicians and surgeons*. Esta obra passou a regular as relações entre médicos e destes com os pacientes e a sociedade.

Como a medicina nasceu antes da ciência, de certa forma a dispensou por muito tempo e atitudes apenas técnicas, algumas nocivas, predominaram até o início do século XX, muitas continuando a ser usadas até os dias atuais. A Ciência com todos os seus postulados (observação, experi-

mentação, análise e conclusão) entrou na Medicina pela Fisiologia, com a descoberta da circulação do sangue no século XVII, mas só foi incorporada consistentemente na clínica depois, e na terapêutica praticamente só no século XX. A atual fase científica decorre da demonstração de causa e efeito validando explicações fisiológicas, observações clínicas e atitudes terapêuticas decorrentes de comprovação pelo método científico, através de análises amostrais e suas repetições de ocorrências constatadas pelos sentidos ou por instrumentos, ou seja, ciência (medicina) baseada em evidências.

Fatos acontecidos no século XX, como a bomba atômica (domínio do átomo), com seu potencial de destruição, a chegada do homem à Lua (domínio do cosmos), com a possibilidade de viagens interestelares, e o projeto do genoma humano (domínio de si mesmo), com a possibilidade de alterar o código genético, despertaram a necessidade de estender a visão ética de preservação da vida a toda a natureza, o que motivou o surgimento da moderna bioética, a qual representa o estudo sistemático da conduta humana nos campos das ciências biológicas e da saúde, na medida em que esta conduta reflete a defesa do homem e da vida. Sua multidisciplinaridade abrange, além da deontologia médica, investigações, questões sociais, animais e ecologia, isto é, todas as formas de vida numa sociedade democrática, pluralista, secular e conflitiva. A chamada “tríade bioética” assenta-se no tripé autonomia (paciente, informe consentido), beneficência (médico, melhor resultado com menor risco) e justiça (sociedade, distribuição equitativa de recursos), o que exige constantes critérios de decisão, e que esses critérios sirvam para transformar a tecnocracia dominadora (ciência sem ética, destruição do meio ambiente e da vida, democracia do direito) em tecnologia servidora (ciência eticamente responsável, respeito ao meio ambiente e à vida, democracia da justiça). É uma filosofia prática e do razoável, capaz de justificar uma escolha, uma adesão, um valor.



A Medicina nasceu como forma de socorro, consolo, alento, traduzindo o lado altruístico do ser humano. Representou a primeira diferenciação profissional já na figura do feiticeiro, que utilizou mito e magia para afastar maus espíritos. Tendo surgido antes da filosofia e da ciência, desenvolveu técnicas e habilidades que a tornaram útil. Começou a criar a ciência, pelo desenvolvimento do pensamento indutivo, e foi a primeira profissão regulamentada por um código de ética. Ao chegar aos tempos atuais, por maior que tenha sido a distância percorrida, é impossível esquecer que as origens do caminho até a ciência médica moderna - cheio de espinhos momentâneos e glórias tardias -, repousam lá na velha Grécia, na Medicina Hipocrática.

Referências Bibliográficas

BENDER, G; THOM R. *A History of Medicine in Pictures*. Parke, Davis & Company. Detroit, 1957.

BRUNINI, C. *Aforismos de Hipócrates*. Typus. São Paulo, 1998

DRUMOND, J. *O “Ethos” Médico*. Editora Unimontes. Minas Gerais, 2005.

ENTRALGO, P. *Historia de la Medicina*. Masson, Barcelona, 1978.

FACER, S; MCINTOSH, J. Tradução de Luna J. *História Ilustrada da Medicina*. Publicações e Artes Gráficas Ltda. Lisboa, 1996.

GARRISON, F. *An Introduction to the History of Medicine*. WB Saunders, Philadelphia and London, 1960.

GOTTSCHALL, C. *Do Mito ao Pensamento Científico*. Atheneu. Rio de Janeiro e São Paulo, 2004.

GOTTSCHALL, C. *O Sopro da Alma e a Bomba da Vida*. Fundação Universitária de Cardiologia e AGE. Porto Alegre, 2000.

HAGGARD, H. *The Doctor in History*. Yale University Press. New Haven, 1934.

LOPES, O. *A Medicina no Tempo*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1968.

LYONS, A; PETRUCCELLI, R (Eds.). *Medicine, An Illustrated History*. Harry N Abrams. New York 1987.

PESSINI, L; BARCHIFONTAINE, C (Eds.). *Fundamentos da Bioética*. Editora Paulus. São Paulo, 1996.

PORTER, R. (Ed.). *The Cambridge Illustrated History of Medicine*. Cambridge University Press, 1996.

RUSSELL, B. *História do Pensamento Ocidental*. Ediouro. Rio de Janeiro, 2001.



**Conselho Regional de Medicina
do Estado do Rio Grande do Sul**